

Memórias dos I e II Encontros Nacionais de Mulheres Negras pelo olhar das ativistas baianas

Ana Cristina Conceição Santos¹

Luiza Mahim
Chefa de negro livres
E a preta Zeferina
Exemplo de Heroína
Aqaltune de Palmares
Soberana quilombola
E Felipa do Pará
Negra Ginga de Angola
África liberta em tuas trincheiras
Quantas anônimas guerreiras brasileiras
Oliveira Silveira

Este trabalho traz uma reflexão da pesquisa de doutoramento intitulado Organização, Raça e Gênero: movimento de mulheres negras na cidade de Salvador – 1980 a 1991. A finalidade dessa pesquisa é estudar o movimento das mulheres negras na cidade de Salvador, Bahia, Brasil, na década de 1980 e início dos anos 1990, que estavam se organizando em nível local e nacional e de que maneira se dava esse movimento e, um dos objetivos específicos é apreender de que forma se estabeleceu a articulação das mulheres negras baianas para a elaboração e realização do I e II Encontros Nacionais de Mulheres Negras, sendo que o primeiro encontro aconteceu na cidade de Valença/RJ (1988) e o segundo na cidade de Salvador/BA (1991). Traremos as falas de algumas entrevistadas nas quais elas revelam quais os motivos que as incentivaram a preparar os Encontros nacionais de mulheres negras e como se estabeleceu a organização dos mesmos. A abordagem discursiva está fundamentada nos seguintes eixos: gênero, etnia/raça e movimento social negro; a metodologia utilizada é qualitativa e as técnicas para coletas de dados são: a entrevista semi-estruturada ou semi-diretiva e análise documental.

Palavras-chave: Movimento Mulheres Negras, Raça, Gênero.

Neste artigo analisarei os I e II Encontros Nacionais de Mulheres Negras ocorridos respectivamente em 1988 na cidade de Valença/RJ e em 1991, na cidade de Salvador/Ba. Esses encontros se tornaram locais de reflexão sobre a condição vivenciada pelas mulheres negras na sociedade e permitiu que essas mulheres formassem estratégias que retroalimentassem suas lutas diárias contra todas as formas de explorações sentidas. Buscarei também desvelar, fazendo referência a memória do poema acima, as "anônimas guerreiras brasileiras" - as mulheres negras ativistas sujeitos dessa pesquisa.

¹ Doutoranda em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC); professora assistente da Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão (UFAL).
E-mail para contato: ayana_candace@yahoo.com.br

Os sujeitos dessa pesquisa são as ativistas soteropolitanas, ou seja nascidas na cidade de Salvador, e neste artigo traremos as falas de três entrevistadas, a saber: Adeola², Ayan³ e Johari⁴. Utilizarei nomes fictícios, mas isto não implica na desvalorização do pensamento elaborado por essas mulheres.

1. I Encontro Nacional de Mulheres Negras

As mulheres negras empreenderam um processo de organização que antecede aos Encontros Nacionais de Mulheres Negras (ENMN) ao se congregarem nos espaços em que estavam, a exemplo das reuniões promovidas dentro dos encontros feministas, nas organizações dos movimentos negros, entre outros.

Silva (2014) comenta sobre a organização das mulheres negras anterior a década de 70, a exemplo do Conselho Nacional de Mulheres Negras e o Congresso Nacional de Mulheres Negras, ambos datados de 1950 e os mesmos eram ligados ao Teatro Experimental do Negro (TEN). A autora nos chama a atenção que "já éramos mulheres e negras, do ponto de vista argumentativo e da construção identitária" (p. 36), deste modo, é ratificado que as discussões em torno do sujeito político que compõe a mulher negra não é algo que surge na década de 80.

No entanto, foi no IX Encontro Feminista, realizado na cidade de Garanhuns/PE, que as ativistas negras decidem se organizar e promover os ENMN. O encontro feminista oportunizou que várias mulheres de diversas cidades brasileiras se articulassem em torno de pautas que trouxessem a especificidade de raça e gênero como narra a entrevistada Adeola:

Eu estive em Garanhuns no Encontro Feminista que deu origem para a gente fazer as primeiras articulações para o primeiro encontro de mulheres negras que a gente achava que era o momento pra começar a se movimentar nessa direção. Toda a articulação dele sai de dentro do nono encontro nacional feminista. Então estava eu, Gildália, Benedita da Silva, Wania Santana, Sandrão do Rio de Janeiro, Silvia Catanhede do Maranhão. Então você tinha nesse encontro de Pernambuco várias mulheres negras do Brasil inteiro e nós levamos o encontro todo fazendo encontro de mulher negra dentro do encontro pensando a possibilidade da gente se reunir nacionalmente. A gente se reunia na beira da piscina, todo o tempo do encontro a gente usou para fazer isso. E nós criticávamos o próprio encontro feminista que não pautava a questão das mulheres negras e daí nós vamos sair para o encontro em Valença. Então, foi do encontro feminista que a gente caminha para o encontro de Valença, pro centenário da abolição, que

² Significa Coroada de Honras (Nigéria).

³ Significa Brilhante (Somália).

⁴ Significa Jóia (Kiswahili)

foi um encontro lindo e eu falo lindo não só pelo esforço como pela necessidade que as mulheres negras tinham no Brasil de se encontrar.

Essa conexão das mulheres negras, descrito por Adeola, só foi possível porque essas mulheres já traziam em seus espaços de militância, e em outros lugares a necessidade de se pautarem como sujeitos de direitos em nossa sociedade. Ao participarem de um evento que tratava do feminismo e não perceberem questões que para as mulheres negras se faziam importantes as conduziram na articulação em torno de algo que realmente as contemplassem dentro da pluralidade de ser mulher negra, como um encontro nacional protagonizado pelas mulheres negras e esse encontro teve uma "fisionomia própria e caráter nacional, visando intensificar as reflexões e ações para o combate às opressões racial e de gênero" (RIBEIRO, 2004, p 99).

O que nos é revelado, de modo mais denso, sobre o I ENMN se faz a partir das falas das militantes, vídeos disponíveis online, e do artigo escrito por Joselina da Silva (2014) intitulado "I Encontro Nacional de Mulheres Negras: o pensamento das feministas negras na década de 1980" no qual a autora rememora sua participação nesse encontro junto com outras participantes do Estado do Rio de Janeiro. Esse artigo nos traz importantes informações para a compreensão da dinâmica do encontro desde a organização, pautas e continuidades. Outros textos que sinalizam o encontro, a exemplo da dissertação de Moreira (2007), nos auxiliaram para compreender o pensamento, preparação e concretização do I ENMN.

Para pensar e consolidar o IENMN foram realizadas reuniões que aconteceram, no primeiro semestre de 1988, nas cidades de Salvador, São Paulo e Brasília. Criaram-se duas comissões: uma organizadora e outra executiva. A comissão organizadora agregou mulheres negras atuantes de diversos movimentos e diferentes Estados; contudo, foi deliberado que a comissão executiva seria formada por mulheres residentes no Estado do Rio de Janeiro. (SILVA, 2014).

A entrevistada Johari fez parte da comissão organizadora do I ENMN, representando o Estado da Bahia, e fala sobre as reuniões preparatórias:

Várias reuniões, basicamente em São Paulo por conta do GELEDES que puxava... a Sueli Carneiro, a Lucinha também estava com ela, fazia parte, essa comissão organizadora, isso para o primeiro encontro. Tinha Edna Roland, Lucia Dutra do Maranhão, Vanda Menezes de Alagoas, Wânia Santana do Rio de Janeiro, várias mulheres e a gente se reunia no espaço que a gente conseguia. Todo esse processo de início foi muito precário, mas importante do ponto de vista da organização. O GELEDÉS também foi criado a partir daí, as meninas

sentiram necessidade de criar uma coisa mais solida então surgiu o GELEDÉS.

A elaboração do I ENMN apresentou algumas dificuldades como insuficiente captação de recursos para despesas de hospedagem, transporte e alimentação das comissões, visto que, essas mulheres residiam em diferentes regiões e não disponibilizavam de verbas suficientes. No entanto, foi um momento promissor para essas mulheres pensarem em se constituírem enquanto organização a exemplo do GELEDES, fundado em 1988, como citado pela entrevistada.

As ativistas pretendiam que o encontro tivesse visibilidade nacional, então, de acordo Silva, foi realizado um concurso para a escolha da logomarca do encontro (figura 1) com o seguinte slogan "O encontro é nacional e o concurso também!". (2014, p. 27). Visualizamos na logomarca escolhida que o turbante que cobre a cabeça da mulher negra tem o formato do mapa do Brasil traduzindo, assim, que são parte fundamental na construção histórica, cultural, política desse país.

Figura 1: Logomarca do I ENMN



Fonte: Print Screen vídeo CULTNE

O I ENMN teve uma participação de aproximadamente 450 mulheres e diante do pouco recurso disponível, pois, como afirma o boletim informativo do encontro (novembro, 1988, nº 2), "...a felicidade é conquistada a duras penas. Para que alcançássemos tal posição muitos caminhos foram trilhados, algumas dificuldades financeiras não conseguimos suprir..." e, por esse motivo, foi cobrada uma taxa de participação no valor de Cz\$ 800,00, mas que não influenciou negativamente, visto o número expressivo de participantes.

Nesse mesmo boletim informativo é descrito a dificuldade em conseguir um local que abrigasse de forma confortável as mulheres, pois não se desejava alocar essas mulheres em escolas e justifica afirmando que após 488 anos de Brasil essas mulheres

mereciam um ambiente "melhor e tranquilo para a nossa discussão. Nós merecemos isso e muito mais!" (Boletim Informativo apud Silva, 2014).

Johari confirma essa escolha pelo lugar e a preocupação pelo bem estar das participantes:

Nós colocamos quatrocentos e cinquenta mulheres em Valença, mulheres que nunca tinham saído da sua cidade, num hotel confortável com toda a dignidade que eu acho que as mulheres devem ter, e todo ser humano deve ter. E eu digo nós, porque fomos nós, eu Vânia, Sandra Belo, Jô... Benedita da Silva deu muita força e apoiava a ação.

A narrativa acima mostra que existiu, além da preocupação de um ambiente digno para essas mulheres realizarem o encontro, o incentivo para que mulheres negras que jamais tinham viajado pudessem se fazer presentes. E essa oportunidade é admitida por Ayan:

Primeiro Encontro de Mulheres Negras eu participei.... Houve uma cooperação dela (Johari) de querer levar essa mulher da periferia que estava chegando, eu estava chegando e ela lutou por isso para eu e outras mulheres irem. Porque ela (Johari) não esqueceu a essência dela de mulher negra de periferia, as vezes essas mulheres se empoderam e esquecem, e Johari não perdeu isso, ela queria, ela acreditava que tinha que empoderar outras mulheres.

A entrevistada fala da confiança de Johari, que fazia parte da coordenação do encontro, em levar outras mulheres mesmo estas não apresentando um maior envolvimento com as discussões raciais e de gênero. Ayan acredita que a origem social de Johari a sensibiliza em ampliar essa experiência e critica algumas mulheres negras empoderadas que não proporcionam essa oportunidade. Entretanto, ao avaliar as ações e depoimentos das mulheres negras ativistas discordamos desse olhar da entrevistada, pois essas mulheres manifestam preocupação em elaborar táticas para o enfrentamento do racismo, machismo e outras formas de opressões que as favoreceram e favorecem em grande parte a população negra, e mais especificamente as mulheres negras.

Ayan fala da emoção em conseguir fazer sua primeira viagem interestadual:

Eu estava tão maravilhada, sair da minha periferia para ir para o Rio de Janeiro! Eu nunca tinha saído, não tinha ido, então estava maravilhada de ver aquelas mulheres, e vi nesse momento também muitas lésbicas, muito, tinham muitas, isso assustou, porque eu não estava acostumada com isso.

Observamos no exposto acima além do deslumbramento da entrevistada em ir para uma outra capital, ela também demonstra a heterogeneidade das mulheres negras

participantes ao revelar a surpresa que lhe causou a grande presença de lésbicas negras no encontro.

Outro problema detectado durante a realização do evento, já que não foi previsto durante o seu preparo, consistiu no fato de que várias mulheres participantes eram mães de crianças pequenas e o encontro não disponibilizava de um espaço específico para elas. Algumas mulheres deixaram seus filhos em casa; todavia, outras mulheres buscaram como solução, de acordo Silva (2014), levar seus companheiros para que esses pudessem cuidar das crianças, entretanto, esses casais custearam as suas despesas.

A ausência de planejamento pela organização em pensar nas participantes que eram mães e não dispunham de pessoas para que pudessem cuidar de suas crianças ocasionou certo conflito durante o encontro; entretanto, como lembrado por Silva, o IENMN se configurou como "uma experiência inaugural, mediante de tal magnitude" (2014, p. 29) despontando, dessa maneira, que algumas falhas cometidas não devem ser valorizadas diante da iniciativa e pioneirismo revelado pelo encontro.

No próximo item apresentaremos os objetivos e do I Encontro nacional de Mulheres Negras analisando juntamente com os depoimentos das entrevistadas.

1.1. As pautas do IENMN

O IENMN se constituiu enquanto momento empreendedor ao convocar mulheres, atuantes em diferentes espaços e pertencentes a diversas cidades do Brasil, para refletirem e se posicionarem sobre suas experiências e adversidades em ser mulher negra na sociedade brasileira. O tema elegido para o IENMN foi "A Mulher Negra" apresentando como objetivos:

- a) denunciar as desigualdades sexuais, sociais e raciais existentes, indicando as diversas visões que as mulheres negras brasileiras têm em relação ao seu futuro; b) fazer emergir as diversas formas locais de luta e autodeterminação face às formas de discriminação existentes; c) elaborar um documento para uma política alternativa de desenvolvimento; d) encaminhar uma perspectiva unitária de luta dentro da diversidade social, cultural e política as mulheres presentes no Encontro; e) realizar diagnóstico da mulher negra; f) discutir as formas de organização das mulheres negras; g) elaborar propostas políticas que façam avançar a organização das mulheres negras, colocando para o mundo a existência do Movimento de Mulheres Negras no Brasil de forma unitária e de diferente vertentes políticas. (Relatório do I Encontro Nacional de Mulheres Negra apud MOREIRA, 2007. p. 66-67)

O entrecruzamento gênero-raça-sexualidade, entre outras, demarca as finalidades do encontro anunciando que essas mulheres reafirmavam sua organização a partir da interseccionalidade e buscavam visibilidade na multiplicidade em serem mulheres negras e elas cunhavam a importância de uma coesão nas bandeiras de lutas mesmo que tivessem diferenças sociais, culturais e políticas e variados posicionamentos políticos.

A fala de abertura, realizada por Maria José Lopes da Silva, ativista da área de educação antirracista e integrante da comissão executiva, no I ENMN evidenciou a luta das mulheres negras e sua importância ao pensar o processo de redemocratização do país em diferentes esferas da sociedade como podemos apreender na transcrição abaixo:

No processo de revisão do lugar da mulher na sociedade brasileira, desencadeado pelo movimento de mulheres a uma década, a questão da mulher negra passa assim a se constituir um dos agentes fundamentais da reconstrução democrática deste país. A partir desta expectativa, então, surge o nosso primeiro encontro nacional. Ao lado da reflexão do papel da mulher negra na realidade brasileira pretende-se nesse encontro desenvolver uma discussão acerca da relação entre mulher negra e principais atividades da vida social com a necessidade de aprofundar nessa relação que envolve a participação de mulheres de vários setores como: movimentos negros, movimentos de mulheres, sindicatos, associações comunitárias e entidades organizadas do movimento social que levou a se empreender esse primeiro encontro tendo como tema central a mulher negra. Na busca do enriquecimento do debate e visando ampliar o seu alcance este encontro está aberto a participação de delegações de todo o país cabendo ao Estado do Rio de Janeiro a responsabilidade de sediá-lo.

A palestrante continua sua explanação:

Como vimos as desigualdades sexuais e raciais estão entre os principais fatores a serem considerados na análise da pobreza do nosso país, por esse motivo, o combate as desigualdades sociais devem ser acompanhados de estratégias destinadas a combater também essas formas de injustiça; tais considerações tem por objetivo justificar a necessidade de que o primeiro encontro nacional de mulheres negras resulte na mobilização de mulheres negras de todo o país pertencentes a entidades organizadas do movimento negro, movimento de mulheres e do movimento social como um todo no sentido de ampliar a discussão de sua real situação passe a sua condição de mulher e negra nos diversos locais em que se encontrem bem como encaminhar estratégias visando superar as situações existentes, assim, esse primeiro encontro nacional, de nós, mulheres negras, após consulta a militantes negras de diversos Estados, pretende através de uma reflexão crítica do centenário da abolição da escravatura analisar o grau da inserção da mulher negra na sociedade brasileira contribuindo desta maneira para o combate a opressão e ao preconceito tendo em vista a construção da sociedade verdadeiramente democrática que almejamos. Axé!⁵

⁵ Transcrição feita pela pesquisadora a partir da gravação, em vídeo, da abertura do I ENMN

O discurso acima exterioriza a fala coletiva das mulheres negras e corrobora, para concordarmos que o intercruzamento sexual e racial colabora para uma maior vulnerabilidade da mulher negra perpetuando, assim, desigualdades sociais e econômicas. Pensar em ações de superação dessas desigualdades para estabelecer uma "sociedade verdadeiramente democrática" foi o grande conclave do IENMN.

É importante salientarmos que o ano de 1988 foi o ano do centenário da abolição da escravatura, como exposto na fala de Maria José, e também da aprovação da nova Constituição Brasileira e os temas abordados, que tinha como eixo a centralidade na mulher negra, procurou abranger vários aspectos desse ser na sociedade atual, desde a questões subjetivas como a ideologia do embranquecimento e a estética a assuntos históricos, políticos, sociais e econômicos como podemos ver abaixo:

'As Mulheres Negras e as Organizações Da Sociedade Civil', 'As Mulheres Negras e o Trabalho', 'As Mulheres Negras e a Educação', 'As Mulheres Negras e a Legislação', 'As Mulheres Negras e o Mito da Democracia Racial', 'As Mulheres Negras e a Ideologia do Embranquecimento', 'As Mulheres Negras e a Sexualidade', 'As Mulheres Negras e os Meios de Comunicação', 'As Mulheres Negras na Arte e na Cultura', 'As Mulheres Negras e a Sua História na África e no Brasil', 'As Mulheres Negras e As Políticas de Controle da Natalidade', 'As Mulheres Negras e a Saúde', 'As Mulheres Negras e a Violência', 'As Mulheres Negras e a Estética', 'As Mulheres Negras e o Sexismo'. (SILVA, 2014, p. 33-34).

O ano de 1988, como já referido, foi o ano de aprovação da nova Constituinte e considerada importante na conquista dos direitos femininos; todavia, ao analisarmos a Constituição Federal promulgada em 1988 fica ratificado que essa Constituição não considerou, de modo satisfatório, ações voltadas em benefício da população negra, mais especificamente para as mulheres negras; pois, mesmo a garantia de direitos sendo universais é imperativo estabelecer discriminação positiva para o grupo racial que compõe maior número populacional no Brasil, a população negra.

Em uma das mesas, composta por Luiza Bairros e Benedita da Silva⁶, ocorreu explanação sobre o processo da constituinte e a questão da mulher negra. Luiza Bairros retratou a situação das trabalhadoras domésticas, em Salvador, a partir da aprovação da nova Constituição:

Em Salvador, o grupo de mulheres do MNU já desenvolve a algum tempo uma relação muito próxima com a associação de empregadas

⁶ Benedita da Silva foi a primeira vereadora negra da cidade do Rio de Janeiro em 1982; Deputada Federal por dois mandatos, sendo um deles durante o processo constitucional (1988); foi a primeira senadora negra eleita em 1994; vice-governadora do Estado do Rio de Janeiro 1999-2002; atuou como governadora interina, 2002; e atualmente está como Deputada Federal, 2011-2015.

domésticas lá da Bahia e a gente tem efetivamente participado muito dessa construção toda que envolveu a construção da constituinte e agora a gente está vendo o que está acontecendo. Então, para dar um pouco de exemplo dessas contradições tão envolvidas nessas ocupações que geralmente nós mulheres negras desempenhamos que é exatamente o seguinte: a gente estava com um problema em relação dessa coisa das empregadas domésticas que era exatamente das dúvidas que estavam causando, quer dizer, efetivamente quais os direitos que a gente conseguiu e como a gente vai fazer para estar garantindo isso; então, precisávamos de uma advogada, não temos, pelo incrível que pareça, o MNU da Bahia... vamos procurar o departamento feminino da OAB, porque havia um departamento feminino, várias profissionais que são ligadas ao departamento de mulheres da Bahia e que certamente não se recusariam a dar a assessoria que a associação de empregadas domésticas estavam precisando naquele momento e foi muito incrível a maneira como essa advogada do departamento feminino foi consultada respondeu a essa consulta porque ela imediatamente colocou o seguinte: "olha, essa coisa do salário mínimo não é bem assim porque na verdade vocês vão ter o desconto de tanto por cento pela alimentação, tanto por cento pela dormida, tanto por cento pá pá pa de maneira que em termos reais o que vai sobrar em termos de remuneração é em torno de 10 mil cruzados.⁷

A fala de Benedita da Silva situou o processo de eleição e seu mandato. Ela iniciou o discurso dizendo que não estava bem, pois havia problema de saúde na família, mas que num encontro de mulheres era importante se fazer presente:

Tem que colocar essa coisa da mulher negra, da dificuldade que a gente é mulher negra, mulher mãe, mulher avó, mulher companheira, mulher solteira.... Somos tudo isso e a gente tem que estar juntas nessa hora senão a gente não aguenta porque a barra é muito pesada. então eu gostaria muito de enfatizar esse ponto para poder dizer que na Assembleia Nacional Constituinte foi muito difícil defender algumas coisas, foi difícil defender no período da eleição e o encontro tem que levar em consideração isso de que na verdade tanto dentro do movimento ou fora do movimento, eu quero colocar isso, a questão da intelectualidade é um problema muito sério porque você faz uma campanha, você faz um discurso, detém o código da classe dominante, você fala, você faz palestras, você participa disso e daquilo. Na hora de votar, ela não vota porque você tem a cor da pele, você tem problema social, você tem o diabo a quatro e quem segura essa barra senão nós mesmos? Depois que a gente está lá, ela começa a pressionar, começa a exigir para que você seja porta voz dela e aí a gente tem que bancar que eu não vou ser não, agora eu estou aqui e sem nenhum sectarismo eu vou ser porta voz de uma proposta de luta que passa pela minha raça, pela minha classe e pelo meu sexo na assembleia nacional constituinte.

Benedita da Silva chama a atenção para as diversas dimensões em ser mulher negra e que é importante a solidariedade entre todas como meio de superar as adversidades. A palestrante faz uma crítica que mesmo assegurando o discurso da

⁷ Transcrição feita pela pesquisadora a partir da gravação, em vídeo, de uma das mesas do I ENMN.

intelectualidade através dos códigos, isso não é garantia de votos, uma vez que outros marcadores como os sociais, raciais e de gênero influenciam na decisão de voto da elite intelectual que não vota em candidatas negras mas cobram posicionamentos políticos quando essas candidatas, no caso Benedita da Silva, se elegem. Porém, Benedita demonstra um posicionamento político ao afirmar que seu mandato atende a causas raciais, de classe e sexo.

Na discussão sobre sexualidade foi contemplada a homoafetividade entre as mulheres e a entrevistada Ayan fala suas impressões sobre essa discussão:

Teve, teve uma oficina de sensibilização que eu nem fui, eu disse, que eu não sabia, “não vou deixar essas criaturas pegar em mim não, não vou não!” Não fui não, nem sei nem lá o que discuti, não fui. E não fui porque não estava entendendo o que era, não sabia, nunca tinha visto falar, sabe? O meu mundo não me permitia aquilo, e aí assustei mesmo, fui para outras coisas, não quis saber, a gente ficava muito fazendo hora, Gal, eu mais Gal brincando, “vai lá, as meninas vai lhe alisar Gal!” Mas foi tranquilo, hoje eu vejo com outro olhar, e eu acho que elas também se fortaleceram, não é?

Ayan revela o preconceito em relação as lésbicas participantes do encontro. Ainda hoje a questão da homossexualidade, e para ser mais específica, da lesbianidade, é tabu. Lésbicas negras buscam sua visibilidade tanto nos Movimentos Negros quanto nos Movimentos LGBT.

A entrevistada comenta sobre a importância de trazer como debate a autonomia das mulheres negras e discutir também o que elas tinham em comum e o que as diferenciava enquanto mulheres negras organizadas:

A mais importante (pauta) era a questão da autonomia, essa era a bandeira maior que a gente tinha, porque a gente não queria ser submetida aos caprichos, vamos dizer assim, dos homens das entidades, isso pra mim foi a bandeira primordial; a outra era uma mesa que a gente tinha que dizia “o que nos une, o que nos separa”, que eu acho que é uma reflexão que a gente fez naquela época que foi bastante importante porque você podia ver toda a diversidade do movimento, dava pra você sentir quem tá aqui, como é, como é que faz, de onde vem. Tinha oficinas que a gente chamou linha da vida, então coisas que a gente pescou, digamos assim, buscou e trouxe do movimento feminista pra fazer um trabalho com as mulheres. Então, tudo isso ajudou muito.... Tinham senhoras de idade participando do primeiro encontro, algumas levaram crianças, então todo mundo foi absorvido dentro do processo.... Eu acho que o primeiro encontro foi mais rico por ser o primeiro e porque as pessoas estavam mobilizadas de uma outra forma (Johari).

Os significados do encontro para essas mulheres são expressados na fala da entrevistada e a mesma não recusa as aprendizagens que tiveram no movimento

feministas, demonstrando assim, que a importância desse encontro estava em se ter um momento que fosse dessas mulheres pautar suas especificidades.

1.2. Os resultados do IENMN

O I Encontro Nacional de Mulheres Negras foi um ganho político, pois concretizou que essas mulheres tinham e tem grande poder organizativo. Os resultados, pelo olhar das entrevistadas, foram muitos:

Então, por mais que a gente não tenha produzido uma grande discussão dentro do encontro de mulheres negras, foi muito massa que era o sonho de Lélia Gonzalez era ver essa organização de mulheres negras. Você vai ver que vai ser um período que vai surgir o N'Zinga em que Lélia vai ser uma das fundadoras, vai ter o N'Zinga em Belo Horizonte que já é depois desse encontro, vai surgir o CRIOLA, vai pipocar no Brasil inteiro grupos de mulheres negras, o Brasil inteiro vai viver essa experiência. E vai viver também por causa de uma conjuntura que não só vai ser favorável como vai ficar muito mais explícito para as mulheres negras que tanto a relação dela no movimento negro como a relação dela no movimento feminista, o lugar dela é na base da pirâmide da estrutura dessa sociedade. (Adeola).

O surgimento de grupos organizados por e para as mulheres negras após o encontro é evidenciado por Adeola. Ela cita a relação dessas mulheres com o movimento negro e feminista como o provocador para a existência desses grupos, no entanto, discordamos por entender que essas mulheres necessitavam se pautar a partir de suas interseccionalidades.

Ayan revelou ter sido esse encontro a oportunidade pela primeira vez de sair do Estado da Bahia e comenta sobre o que isso significou:

E depois dali o fato de as pessoas lhe conhecer, lhe reconhecer, lhe fazer convite para depois ir para outras coisas, então foi depois daquele encontro. A gente ficou dois dias, isso marcou, mas a quantidade de mulheres também negras fazendo a luta, isso só fortaleceu, quando eu voltei para cá já voltei uma outra Ayan, já voltei com nome e sobrenome. Depois dali eu vim e disse eu posso, então se eu posso vou trilhar aqui o caminho, e vamos nessa.

O IENM se confirmou como espaço que forjou novas lideranças, a exemplo de Ayan que passa a receber convites para frequentar outros espaços. Com o êxito do IENMN essas mulheres deram continuidade articulando a preparação para o IIENMN como veremos a seguir.

2. II Encontro Nacional de Mulheres Negras

Após a realização do IENMN, as mulheres negras iniciam a elaboração do segundo encontro que vai acontecer três anos após o primeiro. De acordo com o boletim informativo (1991) do segundo encontro e os relatórios das reuniões, a primeira reunião organizativa aconteceu no Rio de Janeiro com a participação de mulheres de 10 Estados⁸; contudo, foi na segunda reunião que o Estado da Bahia se fez presente e se formou a comissão organizadora. Ao todo foram nove reuniões preparatórias em várias cidades.

O tema elegido para o IENMN foi *Mulher Negra, Organização, Estratégias e Perspectivas*. A temática “visava a definição de um projeto político nacional que desse respostas para a situação da mulher negra em nosso país, encaminhando uma proposta unitária de luta dentro desta diversidade social, cultural e política, em que vivemos” (Relatório Final do IENMN, 1991, p.03), pois o início da década de 1990, durante o governo do presidente Fernando Collor de Melo, estava sendo marcada por questões políticas, sociais e econômicas como: a queda do Produto Interno Bruto (PIB), aumento do desemprego, alta da inflação, entre outros. A situação de pobreza atingia 40% da população sendo que desse percentual 63% era composta pela população negra (HENRIQUES, 2001). Essa situação político-sócio-econômica reflete no pensar o encontro o que se refere a captação de recursos para a elaboração e realização do mesmo.

2.1. Divergências no II ENMN

Durante os preparativos surgiram alguns problemas como a saída da comissão organizadora, faltando 20 dias para a realização do encontro, de algumas mulheres da Bahia e ligadas ao Movimento Negro Unificado (MNU) do processo organizativo. Elas apresentaram uma carta aberta de renúncia elencando os seguintes motivos: privilégio de uma discussão acadêmica em detrimento do conhecimento prático das mulheres negras para as composições das falas nas mesas; valor da inscrição considerado elevado (representava 24% do salário mínimo da época); falta de compromisso dos Estados na captação de recursos; crítica a coordenação nacional pela maneira que estavam encaminhando o IENMN, entre outros. (Relatório Final do IENMN, 1991).

Adeola fazia parte da coordenação de finanças e da coordenação política e foi uma das que renunciaram sendo substituída por outra ativista baiana. A entrevistada evidencia alguns fatores que a fizeram se desprender da organização e participação do IENMN:

⁸ Os Estados participantes da primeira reunião foram: RJ, SP, PA, PR, ES GO, MG, SC, RS e o Distrito Federal.

Toda vez que eu estou envolvida em um processo e o meu estado de nervo me deixa tremendo e tira o meu sono eu me retiro porque eu tenho certeza absoluta que a população negra, as mulheres negras por quem a gente diz que está lutando elas não estão pedindo isso da gente. Elas até acreditam que a gente tem um papel importante quando elas descobrem as conquistas que foi a nossa luta elas até nos parabenizam, mas tenho certeza que elas não querem a vida da gente por conta disso, então, quando começa as tensões e os conflitos por coisas muito insignificantes eu tendo a perder o tesão e recuar.

A entrevistada assevera que a preparação do encontro apresentava alguns tensionamentos e vai nos revelando quais eram:

Então, o PC do B (Partido Comunista do Brasil), ele sempre teve uma prática de atropelar, de entrar de bloco e atropelar as pessoas dentro do encontro e isso sempre me cansou, da mesma forma que o Rio de Janeiro sempre teve prática de dizer assim: “Você tem três vagas” e vem 50 pessoas.

Percebemos que a interferência de questões partidárias levadas por algumas participantes e o não respeito ao número de inscritas pelo Estado do Rio de Janeiro desencadearam as divergências. E sobre as práticas de “atropelamento” pelo partido é reafirmado por Adeola:

Então, essa prática, que naquela época era muito forte, era muito vigente, que era a prática de você atropelar, de você dar golpe, de você fazer uma reunião hoje e quando você voltar as coisas tinha tomado um outro caminho que aconteceu demais com a gente, mesmo nós mulheres negras desde o início tentando fazer uma militância diferenciada, mas quando o partido chega ele tem a mesma prática, ele traz na sua prática e ele traz pessoas que não tem formação política nenhuma com um monte de limites só pra fazer isso o que a gente chamaria de os cães de guarda, e aí eu sempre tive dificuldade de lidar com isso e é isso que me tira do segundo encontro.

Portanto, são as práticas partidárias consideradas desagregadoras e nocivas para o movimento de mulheres negras é um intenso motivador para a saída de Adeola do processo do encontro.

Johari explana sobre esse momento ao relatar sua inserção como forma de auxiliar na realização do encontro, visto que, houve a saída de Adeola:

Eu fui chamada por Cida pra tentar ajuda-la, que ela tava com esse pepino porque as meninas da organização aqui de Salvador racharam, uma parte queria que o encontro acontecesse, a outra parte não queria, e a nível nacional também o movimento tava rachado. Na época tinha uma parte que achavam que os homens deveriam participar, as outras partes achavam que não devia... eu cheguei meio que de paraquedas porque eu não tava na organização no início, entrei já quase no fim, e tinham problemas de bastidores que eu não conhecia e esses problemas recaíram sobre mim enquanto organizadora, isso não me deixou

nenhum tipo problemas de sequela nem nada, mas porque eu tive peito e força pra poder garantir essa coisa, tive ajuda de muitas amigas. Para você ter ideia tivemos problemas financeiros e ficamos isoladas dentro do SESC cinco dias enquanto se articulava as formas de pagar os débitos que foram feitos, então foi uma coisa bem como a juventude diz hoje “punk!”.

Com a entrada de Johari os problemas não foram totalmente amenizados, pois as discordâncias sobre alguns itens permaneciam como a participação ou não dos homens no encontro de mulheres negras e problemas financeiros.

A entrevistada Ayan que fez parte da comissão estadual comenta também sobre as dissensões do IIENMN:

Nesse encontro a gente teve que enfrentar as mulheres do Rio de Janeiro, porque sempre tem uma guerra com o pessoal do norte e do nordeste, sempre teve isso dentro de todos os movimentos, e o das mulheres também não fica atrás. Essas mulheres negras queriam atropelar o processo, e sempre houve essa disputa e poder, e aí trouxeram ônibus, elas só tinham quinze vagas, e elas trouxeram um ônibus com quarenta e quatro mulheres de periferia, isso ia ser terrível para a organização, e a gente teve que enfrentar. Não deixamos nenhuma na rua, mas a gente teve que enfrentar elas, então foi uma briga política; mas depois as companheiras entenderam que elas fizeram errado, que a Bahia estava organizada naquele sentido.

Johari ratifica a fala de Adeola quando se refere ao número de participantes do Rio de Janeiro, pois foi determinado um quantitativo de inscritas, mas as responsáveis pelas inscrições não cumpriram o estabelecido e levaram várias mulheres ocasionando apreensão na comissão local para alocar e proporcionar o bem-estar de todas as participantes.

2.2. As pautas do IIENMN

Apesar dos desacordos envolvendo a coordenação do encontro, o mesmo foi significativo como notamos pelas pautas apresentadas: histórico e avaliação do movimento das mulheres negras; mulher negra e poder; procriação, extermínio de crianças e adolescentes negros e a subjetividade da mulher negra. (Relatório final do IIENMN, 1991). Essas temáticas estavam em evidência e mesmo passado mais de duas décadas do encontro percebemos o quanto essa pauta é atual e ainda se constituem como bandeiras de luta das mulheres negras organizadas.

Os Movimentos Negros tinham como bandeiras de luta nos anos iniciais da década de 1990 os direitos sexuais e reprodutivos e afirmava que tanto o racismo como o sexismo restringiam esses direitos para a população negra. Então foram criadas campanhas

nacionais contra o extermínio das crianças e juventude negra. (LOPES e WERNECK, 2000).

Adeola, mesmo não participando do encontro nos traz a temática da esterilização:

No segundo encontro tínhamos como pauta a questão da esterilização em massa porque antes de chegar no segundo encontro nacional de mulheres nós saímos daquela grande movimentação que foram as construções dos fóruns nacionais contra a esterilização em massa das mulheres negras e na época era o que a gente batia muito.

A esterilização das mulheres negras era discutida em todo o país pelas ativistas negras através da campanha nacional intitulada “Esterilização de mulheres negras: do controle da natalidade ao genocídio do povo negro” e de acordo com Lopes e Werneck (2000) o objetivo era “denunciar o viés racista das iniciativas de controle populacional, eufemisticamente definidas como de planejamento familiar, empreendidas por organizações não governamentais brasileiras e internacionais nas diferentes regiões do país.” (p.10). As autoras concluem que essa campanha também denunciou o uso de técnicas experimentais o que era antagônico as leis nacionais e internacionais.

A discussão sobre mulher e poder é registrado pela entrevistada:

No segundo o que eu acho que ficou claro pra mim essa bandeira do poder, que a gente começou a discutir, foi inclusive uma parte da fala de Benedita, “mulher negra e poder pode”, e pra mim essa foi a mesa no caso com tema mais forte do segundo, tanto é que depois Jurema se elegeu vereadora lá no Rio de Janeiro. (Johari).

A importância de as mulheres negras projetar o poder, no viés político, como uma possibilidade chamou a atenção de Johari e ela vai considerar como uma das discussões mais significativas do encontro.

Ayan fala sobre sua participação na mesa “Por que Mulher Negra? ”:

Como falar para umas mulheres, porque o que mais me amedrontava era isso, elas serem mulheres poderosas, mulheres de universidade e tinham muitas mulheres que não estavam preocupadas com isso. Imagina Sueli Carneiro, não sei quem, não sei quem, Ayan, quem é? Então ninguém sabia minha história, de onde eu vim, e eu achava que eu não tinha história, porque eu estava lá no meu mundo, e não no mundo delas. E aí Johari me põe nessa mesa, e eu tremi na base, mas ela me incentivou muito, “vai, você é uma mulher negra, você pode falar, fale do seu jeito”. Que o que eu mais temia era falar errado, e não ser compreendida, mas ela “vai, você vai e fala”, e eu fui, falei do meu jeito, da minha realidade e porque eu vinha, porque que eu estava ali, porque que eu era uma mulher negra que deveria estar ali. E fui muito bem aceita, aí mudou a minha concepção com relação às poderosas, as poderosa também viveram da mesma forma que eu, e aí eu fiz elas lembrarem que elas não podem esquecer jamais daquele outro lado, porque as vezes a gente machuca as pessoas, não empodera, só afasta, então a minha fala foi nesse sentido, lhes contando a minha experiência de mãe das minhas irmãs, da minha comunidade, do que eu fazia no meu bairro, então ali mudou tudo, aí eu virei Ayan com sobrenome, porque eu era Ayan, depois dali Ayan, com nome e sobrenome.

Participar como uma das palestrantes possibilitou a Ayan desvendar em sua fala, durante o encontro, as similitudes em ser mulher negra em uma sociedade machista e racista. O receio inicial em falar para um público que a entrevistada considerava como “as mulheres poderosas” é amenizado ao ser motivada por outra mulher negra. E é também nesse espaço que Ayan se sente cada vez mais empoderada e afirma que passou a ter nome e sobrenome fazendo alusão a essa nova constituição enquanto sujeito político.

Conclusões:

Nossa tarefa é assegurar que as futuras gerações possam ter mais orgulho e se sentir mulheres mais empoderadas porque a gente sabe que não é brincadeira nesse país racista ser mulher preta. E todo mundo achar que você se recupera das cinzas como fênix não é verdadeiro. Essa capacidade de fênix chega uma hora que a gente perde e adocece como algumas de nossas mulheres negras que estão aí que ficam de pés atados quando vê que a polícia invade mesmo, que derruba mesmo a porta, mata dentro de casa e outras tantas desgraças que nos assolam e que a gente vai com essa capacidade de resiliência fantástica que os orixás, que essa cultura que a gente guarda muito dá pra gente. Então eu acho que é um pouco isso, desse lugar que eu quero falar, que eu gosto de falar, que eu gosto de estar. Um pouco disso. (ADEOLA)

Fazendo referência a citação acima, essas mulheres são exemplos para outras de diversas gerações. A uma preocupação com o emponderamento das mulheres negras e isso fica evidenciado durante toda a movimentação organizativa e propositiva. Essa pesquisa nos mostra que a organização das mulheres negras e a realização dos I e II Encontros Nacionais foram uma das formas de evidenciar que as múltiplas visões sobre o fenômeno do racismo inquietavam as inquietam e as fazem perceber que juntamente com a questão racial há outras formas de opressões.

Mesmo com as dificuldades apresentadas na sua organização e nas divergências existentes, essas mulheres demonstram a pluralidade das mulheres negras e expressam estarem atentas e atuantes aos acontecimentos em nível local e nacional e suas demandas eram construídas de maneira atenta com autonomia e visão crítica. Elas se mostravam propositivas e exerciam forte lideranças enquanto ativistas.

Referências Bibliográficas:

CULTNE. Encontro Nacional de Mulheres Negras. Vídeo (6min04s). disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=orqNa-NTC58>>. Acesso em 20 mai. 2013.

HENRIQUES, Ricardo. **Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90**. Brasília: Ipea, 2001. Texto para discussão n. 807.

I Encontro Nacional de Mulheres Negras. **Boletim Informativo**, nov, 1988. Ano 1, n. 2.

II Encontro Nacional de Mulheres Negras. **Boletim Informativo**, 1991.

_____. **Relatório Final**, 1991.

LOPES, Fernanda; WERNECK, Jurema. Saúde da População Negra Da conceituação às políticas públicas de direito. In: WERNECK, Jurema (Org.). **Mulheres negras: um olhar sobre as lutas sociais e as políticas públicas no Brasil**. Rio de Janeiro: Criola, 2000, p. 05-23. Disponível em: <http://www.criola.org.br/pdfs/publicacoes/livro_mulheresnegras.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2014.

MOREIRA, Núbia Regina. **O Feminismo Negro Brasileiro**: um estudo do movimento de mulheres negras no Rio de Janeiro e São Paulo. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2007. p. 120. Dissertação de Mestrado.

RIBEIRO, Matilde. Relações raciais nas pesquisas e processos sociais – em busca de visibilidade para as mulheres negras. In: VENTURI, Gustavo; RECAMAN, Marisol; OLIVEIRA, Sueli. **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 87-105

SILVA, Joselina. I Encontro Nacional de Mulheres Negras: o pensamento das feministas negras na década de 1980. In: SILVA, Joselina; PEREIRA, Amauri Mendes. **O Movimento de Mulheres Negras: escritos sobre os sentidos de democracia e justiça social no Brasil**. Belo Horizonte: Nandyala, 2014. p. 13-40.